

Putin intensifica guerra e faz ameaça ao mundo

TROPAS RUSSAS AVANÇAM RAPIDAMENTE EM DIREÇÃO À CAPITAL UCRANIANA, QUE REGISTRA FUGA DE CIVIS. APÓS ATAQUE, PUTIN AMEAÇOU: "QUEM INTERFERIR SOFRERÁ CONSEQUÊNCIAS NUNCA ANTES EXPERIMENTADAS"

Reprodução/Redes Sociais



Bombas caem na cidade de Kharkiv, a segunda maior da Ucrânia, a 460 km de Kiev

Cerco a Kiev

A Rússia invadiu a Ucrânia na madrugada de ontem, em uma ofensiva com bombardeios aéreos e incursões terrestres que, em poucas horas, se aproximaram da capital, Kiev, e tomaram a usina nuclear de Chernobyl, deixando pelo menos 137 cidadãos ucranianos mortos e mais de 400 alvos atingidos, segundo informou o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, à noite.

Com "superioridade aérea absoluta", segundo fontes militares ocidentais, o exército russo disparou mais de 160 mísseis. A intenção é "decapitar o governo" e substituí-lo por um pró-Rússia, segundo as mesmas fontes, que estimam a chegada das tropas a Kiev a partir de hoje. No início da manhã, houve ataques à capital. A ofensiva gerou uma enxurrada de condenações: a União Europeia (UE) se prepara para anunciar novas sanções contra a Rússia, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) planeja uma reunião por videoconferência ainda hoje.

O presidente Vladimir Putin, que enviou nas últimas semanas mais de 150 mil soldados à fronteira com a Ucrânia, cruzou um ponto sem retorno. "Fomei a decisão de uma operação militar", declarou

o líder russo em discurso televisado para todo o país. Depois ameaçou: "Quem tentar interferir ou criar ameaças para nosso país e nosso povo deve saber que a resposta da Rússia será imediata e levará a consequências como nunca antes experimentadas na história". O anúncio da invasão provocou condenação imediata do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e de líderes europeus, e afetou os mercados financeiros internacionais (leia mais nas páginas 3 a 6, 35 e 36).

Explosões

Putin, que exige que a Otan impeça o acesso da Ucrânia ao bloco de defesa ocidental, garantiu que não busca a "ocupação" da ex-república soviética, mas "uma desmilitarização e desnascificação" do país e a defesa dos rebeldes pró-russos nas áreas conflituosas. Pouco depois, começaram a ser ouvidas explosões em várias cidades ucranianas, da capital, Kiev, a Kharkiv, a segunda maior cidade do país, na fronteira com a Rússia, mas, também, em Odessa e Mariupol, às margens do Mar Negro.

O exército russo afirmou que destruiu 74 instalações militares, incluindo 11 aeródromos, e que os

CAMINHOS DA INVASÃO



separatistas no Leste da Ucrânia estão avançando e assumindo o controle dos territórios. À tarde, Putin sustentou que o ataque foi "uma medida forçada, já que não nos deixaram outra forma de proceder". O exército ucraniano alegou ter matado 50 russos e derrubado cinco aviões e um helicóptero no Leste do país. "Nos deixaram sozinho para defender nosso Estado", declarou o presidente

Zelensky, em um vídeo publicado em uma rede social. "Quem está disposto a lutar conosco? Não vou ninguém. Quem está disposto a dar à Ucrânia uma garantia de adesão à Otan? Todos estão com medo", lamentou.

Batalha em Chernobyl

Também houve incursões terrestres do Sul na península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014. Com o passar das horas, as forças russas se aproximaram de Kiev, que está sob toque de recolher imposto pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky. Ele disse que suas forças estavam tentando retomar um aeroporto militar perto de Kiev, onde "paracaidistas inimigos foram detidos". O governo ucraniano também anunciou que as tropas russas invadiram a usina nuclear de Chernobyl, a 100 km de Kiev, em uma batalha "feroz", perto do depósito de resíduos da planta que explodiu em 1986, quando a Ucrânia ainda fazia parte da União Soviética. O conselheiro-chefe do gabinete de Zelensky, Mikhailo Podoliak, disse que "depois desse ataque absolutamente sem sentido dos russos, não é possível dizer que a usina nuclear está a salvo".

Chernobyl sofreu o pior acidente nuclear da história, em 26 de abril de 1986, quando a Ucrânia integrava a União Soviética. Um dos reatores explodiu e contaminou três quartos da Europa, especialmente Ucrânia, Rússia e Belarus. 350 mil pessoas tiveram que ser evacuadas.

A Rússia garantiu que os civis da Ucrânia "não têm nada a temer", mas, em Kiev, centenas de pessoas correram para estações de metrô em busca de refúgio ou tentaram deixar a cidade. No meio da noite, o trânsito da capital parecia o da hora do rush. Veículos cheios de famílias deixavam a cidade, rumo ao Oeste, o mais longe possível da fronteira russa, localizada a 400 km de distância. Nas ruas de Moscou, habitantes manifestavam sua preocupação, e outros, apoio a Putin. "Não vou criticar uma ordem do comandante supremo. Se ele acha que isso é necessário, deve ser feito", disse Ivan, um engenheiro de 32 anos. Mas houve também protestos em solo russo contra a guerra, contra Putin e a favor da Ucrânia em Moscou e São Petersburgo, reprimidos pela polícia russa. Agências de notícias e ONGs apontam que cerca de 1,4 mil pessoas foram presas nesses protestos.

Romênia e Hungria já recebem refugiados

"Todo mundo que pode está fugindo", alerta Krisztián Szavla, um dos primeiros refugiados ucranianos que chegaram ontem à Hungria, a partir da Transcarpathia, no Oeste do país, onde vive boa parte da minoria de origem húngara da Ucrânia. "Não queremos passar pelo que eles estão passando nas montanhas do Leste, acordando com sirenes e os russos bombardeando sua cidade", diz o ucraniano de 28 anos, em um posto de gasolina em Záhony, do lado húngaro da fronteira.

A região ucraniana de Transcarpathia, isolada do resto do país pelas montanhas dos Cárpatos, é

um mosaico de grupos étnicos no qual os húngaros são a maior população (130 mil pessoas).

"Por outro lado, há filas de uma hora para comprar gasolina, caixas eletrônicas de bancos vazias, assim como prateleiras de lojas", conta Szavla, que planeja ficar com amigos no leste da Hungria por um tempo. "Tenho mulher e uma filha. Não quero que ela cresça sem pai", diz o profissional de marketing, que admite estar fugindo do recrutamento militar.

A polícia húngara reportou longas filas para entrar no país, que compartilha uma fronteira

de 140 quilômetros com a Ucrânia. Segundo a agência de notícias húngara MTI, "pelo menos 400 a 500 pessoas" cruzaram a fronteira a pé.

"Depois do ataque de hoje, temos que levar em conta que haverá um número significativo de cidadãos ucranianos chegando à Hungria e, possivelmente, solicitando o status de refugiado", disse o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orban, em um vídeo divulgado ontem.

Um mapa postado ontem na página de Orban em uma rede social sugeriu que a Hungria pode ser destino de até 600 mil refugiados

Dano colateral

Na vizinha Romênia, a polícia disse que cerca de 5,3 mil pessoas entraram no país vindas da Ucrânia (com a qual tem uma fronteira de 615 quilômetros). No dia anterior, foram 2,4 mil. Centenas de ucranianos cruzaram a fronteira em Sighetu Marmației, de acordo com imagens de televisão. Segundo o ministro da Defesa, Vasile Dancu, a Romênia planeja abrigar os refugiados em seis ou sete regiões próximas à fronteira. "Estamos preparados para administrar esse dano colateral (da guerra)", disse ele.

Actia Kisbenedek/AFIP



Ucraniano chega à fronteira com a Hungria para fugir da guerra

AMERICANO ANUNCIA PUNIÇÕES ECONÔMICAS "DEVASTADORAS" CONTRA MOSCOW, COM AS QUAIS PRETENDE TORNAR PUTIN UM "PÁRIA INTERNACIONAL". DESCARTA, PORÉM, O ENVIO DE TROPAS PARA A UCRÂNIA

Biden tenta "asfixiar" a Rússia

Em pronunciamento na Casa Branca, durante o qual chamou o russo Vladimir Putin de "tirano" e "agressor", o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciou uma nova leva de punições "devastadoras" a Moscou, em retaliação à invasão da Ucrânia. "Putin escolheu essa guerra. E, agora, ele e seu país vão sofrer as consequências", disse o líder americano, assinalando que a ofensiva econômica transformará o presidente russo em um "pária internacional". Ele também tentou tranquilizar os americanos afirmando que não enviará tropas para combater na Ucrânia, mas prometeu apoio aos aliados da Aliança Atlântica.

As novas medidas atingem quatro bancos russos e adicionam nomes de membros da elite russa próximos ao Kremlin ao bloqueio dos EUA. Além disso, serão adotadas restrições à exportação que, segundo Washington, cortarão mais da metade das importações de tecnologia da Rússia. Temos US\$ 1 trilhão de bens congelados, um terço dos bancos russos serão cortados do sistema financeiro", destacou o chefe da Casa Branca.

"Projetamos proposadamente essas ações para maximizar um efeito de longo prazo na Rússia e minimizar o impacto sobre os Estados Unidos e nossos aliados. Quero ser claro, os

Estados Unidos não estão fazendo isso sozinho. Durante meses, construímos uma coalizão de parceiros que representam bem mais da metade da economia global", afirmou Biden.

Biden se dirigiu à nação após participar de uma reunião virtual a portas fechadas do G7. O grupo, integrado por Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos, afirmou, em comunicado, que a Rússia desencadeou "um grave ameaça à ordem internacional, baseada em regras". O chefe da Casa Branca reconheceu, porém, a falta de unidade entre as potências ocidentais para que as medidas fossem ainda mais contundentes.

Por enquanto, os EUA não devem mirar diretamente o presidente russo. A Rússia também não será retirada do sistema de pagamentos internacionais SWIFT, medida solicitada pela Ucrânia, por falta de acordo entre os países ocidentais. "É sempre uma opção, mas, no momento, essa não é a posição que o resto da Europa quer tomar", explicou Biden.

Em Londres, o primeiro-ministro Boris Johnson disse que o Reino Unido congelou ativos de grupos bancários e fabricantes de armas, puniu mais cinco oligarcas e fechou seu espaço aéreo para a companhia aérea russa Aeroflot. As grandes potências também impuseram restrições a

Brendan Smialowski/AFP



Putim escolheu essa guerra. E, agora, ele e seu país vão sofrer as consequências"
Joe Biden, presidente dos EUA

24 pessoas e organizações bielorrussas, porque seu país "apoiou e facilitou a invasão" da Ucrânia. Numa reunião de emergência, em Bruxelas, os líderes dos 27 países da União Europeia (UE) concordaram em impor punições "maciças e severas" contra a Rússia. As sanções cobrirão os setores financeiro, de energia e de transportes da Rússia, informou a declaração emitida após a cúpula.

A primeira rodada de sanções ocidentais foi anunciada na terça-feira, depois que Putin anunciou o envio de tropas de "manutenção da paz" para duas pequenas áreas já controladas por separatistas apoiados por Moscou. Na ocasião, o governo americano juntou-se aos aliados europeus na imposição de sanções a dois bancos russos, à dívida soberana de Moscou e a vários oligarcas, entre outras medidas.

No dia seguinte, quando as tropas russas se mostravam prontas para atacar, Biden anunciou que imporia punições ao gasoduto Nord Stream 2, que liga a Alemanha e a Rússia. Berlim havia anunciado que suspenderia a abertura do gasoduto, que ainda não está funcionando.

Protestos

Além das ações governamentais, europeus saíram às ruas de

diversas cidades, como Berlim, Paris, Varsóvia e Haia, em protesto contra a invasão russa da Ucrânia. "Parem essa loucura, salvem vidas, sem mais mentiras", dizia o cartaz de um manifestante em frente à embaixada russa na capital alemã. Muitos dos participantes exibiram as cores da bandeira ucraniana, o azul e o amarelo.

Alguns dos manifestantes eram russos que vivem na Alemanha. "Todo o mundo deveria vir aqui e apoiar a Ucrânia. Dizer que a guerra deve terminar", disse Olga Kipricina, 32 anos, originária de Kaliningrado. "Ucranianos e russos são irmãos e irmãs. Todos os meus amigos estão comovidos e não querem uma guerra. Queremos mostrar que somos contra a guerra. Somos russos e viemos da Rússia. A Ucrânia sempre foi um país muito amistoso conosco e um país próximo", enfatizou Ekaterina Studnitzky, 40, residente na Alemanha desde os 16.

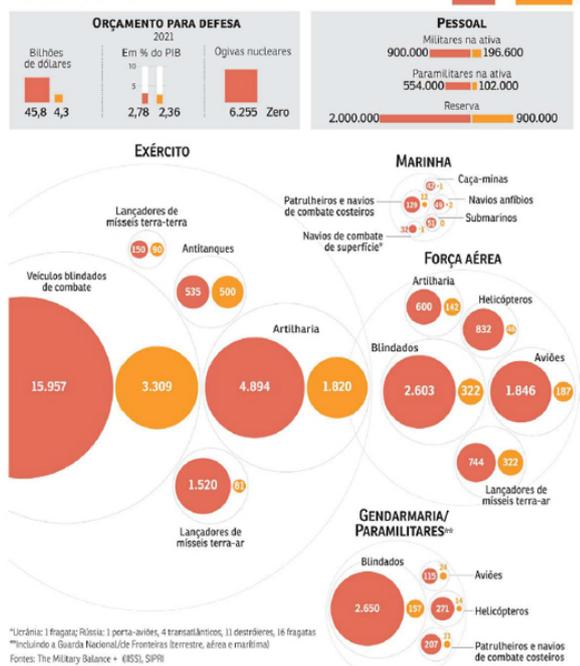
Em Paris, centenas de pessoas também se reuniram em frente à embaixada russa, entre eles vários candidatos na eleição presidencial francesa de abril. Outra grande mobilização estava prevista para o fim do dia na Praça da República, no coração da capital francesa. Já na Polónia, vizinha da Ucrânia, uma bandeira da Rússia foi queimada em frente à embaixada do país em Varsóvia.

Manifestações reprimidas



A polícia russa deteve em torno de 1,4 mil pessoas que participavam de manifestações contra a guerra na Ucrânia, em 51 cidades do país, segundo a ONG de direitos humanos OVD-info. Desse total, 719 foram presas em Moscou, grande parte durante protesto na Praça Pushkin, no centro da capital. "Não à guerra!", bradavam os manifestantes. Em São Petersburgo, um jovem gritava enquanto era detido: "Contra quem vocês lutam? Prendam Putin". Os atos foram convocados em postagens divulgadas nas redes sociais, nas quais ativistas pediram à população que desafiasse a severa legislação de controle de protestos.

OS ARSENAIS



Poderio militar discrepante

» DEBORAH HANA CARDOSO

O ataque praticamente simultâneo à Ucrânia por terra, mar e ar é um dos indicadores do poderio militar russo e também de que Kiev terá um trabalho árduo para resistir. Há discrepâncias significativas entre o arsenal dos dois países. Enquanto Moscou tem, por exemplo, quase 16 mil veículos blindados, o país vizinho tem 3,3 mil. (veja arte). "As diferenças são gigantes quando falamos em números totais de tudo aquilo que compõe um Exército. A Ucrânia pode se defender por um tempo, mas, dificilmente, vencerá os russos", avalia o especialista militar em Rússia e União Europeia Claudio Lucchesi.

Para o também jornalista, devido à característica cultural dos povos daquela região, dificilmente haverá uma rendição, e a diferença bélica culminará em um cenário de violência. "Os soldados ucranianos vão morrer com honra", acredita Lucchesi. Só de soldados, Moscou tem 900 mil militares na ativa. Kiev, 196,6 mil. Antes do início da invasão à Rússia, a estimativa é de que 150 mil homens russos estavam próximos às regiões separatistas.

Além da diferença entre o número de soldados na ativa e na reserva, Lucchesi lembra que a Rússia tem um padrão de ataque complexo, de quebra de força

A Ucrânia pode se defender por um tempo, mas, dificilmente, vencerá os russos (...) Os soldados ucranianos vão morrer com honra"

Claudio Lucchesi, especialista militar em Rússia e União Europeia

ajudou no passado. Mas ambos os países não saíram em conflito com a Rússia", justifica.

Experiência americana

A decisão do presidente Joe Biden de não enviar tropas para o campo de batalha pode ser positiva, na avaliação do especialista. Apesar de bem guardados, os russos têm desvantagens quando se trata do poderio militar dos Estados Unidos. "O calcanhar de Aquiles de Vladimir Putin é a inexistência em guerras", ilustra. "Os americanos, por se comportarem como a polícia do mundo, estiveram em conflitos no Oriente Médio, na América Latina, na Ásia e por aí vai. Os generais dos EUA têm a experiência que os russos não têm", completa.

Biden tem afirmado que pode mudar de ideia caso algum país integrante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) seja atingido. Estônia, Letônia, Lituânia e Polónia estão entre as nações próximas aos países em guerra. Assim como a Belarus, um dos aliados da Rússia. Ainda assim, Lucchesi avalia que não há informações suficientes para afirmar que os russos deram início ao ataque a Kiev pelo país parceiro. "São aliados, mas tudo isso é especulativo. Nesses tempos de fake news, precisamos confirmar antes de acusar uma nação", justifica.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 2 e 3